

PROTAGONISMO ERÓTICO, CLASSIFICAÇÕES E FORMAS DE SOCIABILIDADE DE GAYS IDOSOS*

Cristian Paiva**

Idade, velhice, homossexualidade: para introduzir o debate

Os estudos sobre a condição social dos idosos no Brasil têm descrito uma trajetória de expansão. Nos últimos trinta anos, pelo menos, multiplicam-se os estudos em áreas variadas do conhecimento, sejam ligados a abordagens médicas, sócio-antropológicas, psicológicas, sejam pautados por políticas de assistência, ou mesmo ligados a questões de marketing e consumo. A velhice, “renomeada”, “reprivatizada”, “positivada” parece retornar a uma visibilidade nas sociedades atuais (DEBERT, 2004; BARROS, 2006).

Especificamente no campo das ciências sociais, multiplicam-se relevantes estudos sobre geração¹, voltados para a discussão sobre a construção social das idades articulada com outras categorias analíticas e/ou marcadores de diferença, tais como: família, gênero e classe social, com ênfase maior no estudo de populações de idosos urbanos, com certa integração nos equipamentos de lazer/consumo. Nesses estudos trabalha-se sobre solidariedades intrafamiliares, no mais das vezes analisando vulnerabilidades e violências sofridas por mulheres idosas (feminilização apontada, por exemplo, por Britto da Motta, 2008; 2005; 1996). Apesar da enorme importância desses estudos, ainda é preciso conhecer mais sobre outros sujeitos, práticas e contextos de envelhecimento: os idosos rurais, os velhos e velhas solteiros, os sem família, velhos de outras etnias, assim como idosos LGBTs².

Junto com Britto da Motta (2008), apontamos que as categorias de geração e gênero só muito recentemente vêm sendo aproximadas, tendo, até então, a discussão sobre performances e identidades de gênero (masculino e feminino) sido subsumida na distribuição dos papéis familiares geracionais (mulher/mãe/filha, homem/pai/filho). Assim, cremos que ainda há muitos

** Doutor em Sociologia. Professor do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFC. Coordenador do Núcleo de Pesquisas sobre Sexualidade, Gênero e Subjetividade (NUSS). cristianspaiva@gmail.com.

rendimentos teóricos que podem ser explorados a partir dessa conjunção analítica; intercessão que pode ser ampliada para outras categorias, como a de sexualidade. Assim, geração, gênero e sexualidade possibilitariam abordagens plurais, diversificadas e contemplariam a multiplicidade de sujeitos em suas diferenças (BRAH, 2006).

Na trajetória dos estudos sociológicos e antropológicos sobre homossexualidades no Brasil (CARRARA e SIMÕES, 2007), a questão relativa ao processo de envelhecimento de lésbicas, gays, travestis e transexuais representa ainda um campo aberto para a investigação³. Etnografias e pesquisas de campo sociológicas e antropológicas dedicadas a essa conjunção analítica geração-identidades sexuais “periféricas”, isto é, não-hegemônicas, não-heterossexuais, são bastante recentes, datando de uma década⁴. No entanto, podemos afirmar que há uma crescente produção acadêmica sobre diversos aspectos dessa temática, materializada na forma de dissertações e teses – citamos, a título de exemplo, as teses de Covolan (2005), Siqueira (2009), Pocahy (2011) e Santos (2012) –, assim como na forma de trabalhos apresentados em mesas-redondas e Grupos de Trabalho (GTs) em congressos e seminários nacionais, nos últimos anos – como os trabalhos de Simões (2004a, 2004b) e de Paiva (2012; 2011; 2009), além das produções políticas e culturais de algum modo relacionadas ao campo das diversidades sexuais, em que a temática do envelhecimento LGBT é abordada. Apesar desses avanços, o debate sobre trajetória social e experiências de envelhecimento de LGBTs está apenas iniciando e representa um grande desafio à imaginação sócio-antropológica e política de pesquisadores e militantes, a fim de romper o silêncio e os preconceitos articulados na conjunção velhice/homossexualidades.

A relevância desse debate consiste na possibilidade de conhecer mais de perto especificidades, vulnerabilidades e modalidades de “sofrimento social”, enfrentadas pelos idosos gays, no processo de envelhecimento. Tendo em vista que os movimentos de afirmação identitária homossexual possuem pouco mais de trinta anos no Brasil, podemos pensar que os sujeitos visados nesta pesquisa (homens com mais de cinquenta anos) representam a primeira geração de gays idosos que puderam contar com a possibilidade de expressão de suas identidades sexuais para além da injunção de negação, segredo e invisibilidade acerca de seu desejo. Interessa, assim, investigar, nessa geração, que modos de vida, saberes e experiências

foram engendrados – estoque de experiências que compõe um importante fragmento da vida social e política contemporânea do País. A investigação que temos desenvolvido já há alguns anos pretende, assim, contribuir nesse trabalho coletivo de produção de conhecimento sobre expressões, linguagens e práticas sócio-culturais mobilizadas por gays idosos, focalizando suas reconfigurações de identidade, de percepção do corpo, das possibilidades de erotismo e sociabilidade.

Denomino de “protagonismos eróticos” as estratégias de enfrentamento do sofrimento social imposto aos gays idosos, no que concerne à desvalorização e estigmatização dos seus corpos e sexualidades, à desautorização de expectativas de afeto e apreciação e à melancolização associada às suas biografias. Recusando-se serem tomados como “corpos/seres abjetos”, corpos/seres que não importam (PAIVA, 2009a), corpos incoerentes, corpos sujos, poluidores do imaginário da velhice, sem lugar no laço social, esses sujeitos constroem mecanismos de afirmação de si, permitindo agência nas interações sócio-sexuais intra e intergeracionais. Assim, a noção de “protagonismos” abriga, simultaneamente, os sentidos (micro) político e erótico, exercidos pelos sujeitos investigados em suas práticas de sociabilidade.

Tomo aqui dois contextos empíricos, investigados na pesquisa, em que podemos acessar essas formas de protagonismo erótico. Passaremos a descrever duas incursões etnográficas envolvendo coletivos de idosos gays e suas estratégias de sociabilidade e de interação afetivo-sexual: nos encontros de karaokê realizados numa sauna no centro de Fortaleza, na qual há a presença de garotos de programa (“boys” ou “michês”) e em salas de bate-papo na *internet*, voltadas para encontros eróticos⁵.

As interações sócio-sexuais mais observadas, seja nos bares, saunas e boates, seja nos ambientes virtuais pesquisados, referem-se a contatos intergeracionais⁶. Desvelamos toda uma família de denominações para as personagens típicas dessas interações: “velho”, “velhote”, “mariconna”, “bicha velha”, “maduro”, “tiozão”, “cinquentão”, de um lado, e de outro, “leke”, “filho”, “filhão”, “rapaz”, “boy”, “filé”, “gato”. Mediações de classe, status, gênero, raça/cor certamente operam no sentido de possibilitar tais interações. Mas também apreciações de corpo, personalidade (competências emocionais), trajetórias de vida (traduzida como acúmulo de experiências) e performances sexuais (caracterizadas pela prevalência da componente ternura em relação à componente propriamente sexual) têm um papel importante nas afinidades eróticas entre aqueles sujeitos.

1. Notas etnográficas sobre karaokê numa sauna em Fortaleza

Apresento a seguir uma descrição sobre a experiência de pesquisa numa sauna no centro da cidade de Fortaleza, em cuja programação semanal há um dia para música de karaokê. A pertinência desse contexto relacional homosocial como via de acesso para trabalhar relações de sociabilidade envolvendo sujeitos acima de 50 anos foi descortinado no decurso da pesquisa, quando estava buscando encontrar sujeitos que pudessem contar suas trajetórias biográficas relacionadas à experiência do desejo homoerótico e ao envelhecimento. Um desses sujeitos era assíduo frequentador do karaokê e como estratégia de aproximação resolvi conhecer a sauna no dia destinado às reuniões em que os frequentadores da sauna cantam músicas contando com o suporte material do equipamento de videokê (ou karaokê, como mais comumente é conhecido). Na visita, deparei com número bastante expressivo de “tios/tias”, “mariconas”, “coroas”, “entendidos”, “senhores” e “gays”⁷ velhos ou “envelhescentes”⁸. Essa “descoberta”, por assim dizer, da grande afluência de pessoas mais velhas nessa situação lúdica (embora o karaokê não seja exclusivo a eles), motivou-me a pensar um pouco sobre o que poderia significar para aqueles indivíduos, as noites de sábado na sauna, nas quais cantavam, riam, brincavam, produzindo performances e afetos.

O trabalho de campo foi realizado em dois períodos: de julho de 2008 a julho de 2009, e de novembro de 2010 a novembro de 2011, com idas semanais sistemáticas para observar as reuniões de karaokê promovidas nessa sauna. Fiz uso de conversas informais e observação participante, além de nesse período de campo ter tentado me inserir como frequentador da sauna, o que tem me trouxe o benefício de novas relações de amizade, que estão além do interesse investigativo, e que possibilitaram um olhar mais horizontal sobre o objeto investigado, escapando da tentação de “falar por cima dos ombros”.

Discuto, a seguir, alguns aspectos relativos à convivialidade, ao erotismo e às relações interativas naquele micro-universo. Tomando a noção de Crapanzano (2005) de “cena”, pretendo pensar esse “sub-universo” (SCHUTZ, 1979), no qual o karaokê permite articular voz, dança, corpo, memória e erotismo, como espaço lúdico que deixa espaço a experimentações subjetivas, mediante criação de resistência e de afirmação desses sujeitos, para além da imposição de sofrimento social que tão frequentemente assedia suas vidas, na forma de invisibilização e de silenciamento de suas experiências e desejos.

Utilizo a noção de “pulsão invocante” (LACAN, 1985; DIDIER-WEILL, 1999, 1999b), originária do campo de saber psicanalítico, para aproximar a análise desses mecanismos constituidores de identificações horizontais e de interações que, mediante expressão vocal, musical e corporal, possibilitam atravessar redes defensivas e constituir sociabilidades maleáveis, para além de estigmatizações e coerções relacionadas a diversos marcadores sociais de diferença. Sem fazer qualquer tentativa de aplicação do conceito psicanalítico à cena aqui narrada, tomo livremente a noção de pulsão invocante para dar conta dos processos de “busca do outro” para identificações circunstanciadas, “apelo” a um laço de solidariedade que mobiliza a voz, o corpo, a expressão estética de si. A música, o canto, a dança, nesse cenário, são interpelados seja como objeto de investigação, seja como fonte de dados, seja como contexto de investigação e produção de conhecimento social.

Nessas sessões de música de karaokê, que propomos pensar em termos de contextos de sociabilidade clementes, podemos recolher fragmentos importantes da trajetória social desses indivíduos, que dão acesso à territorialidade dos afetos, das memórias (musicais e outras) partilhadas e dos modos de expressão da homossexualidade em contextos passados.

Velhos e saunas: afinidade eletiva?

Poderíamos pensar que o uso das saunas, pelos homossexuais velhos, seria uma forma de resistência, de territorialização de espaços periféricos nos aparelhos de consumo e lazer voltados ao segmento LGBT?

As saunas, assim como outros aparelhos de consumo e lazer voltados para as sociabilidades homoeróticas (explicitamente ou não relacionadas com o mercado afetivo e sexual) podem ser tomadas como “zonas morais” de espacialização das homossexualidades nos cenários urbanos, “geografias sexuais” majoritariamente associadas ao centro da cidade. Nesse contexto, Joseli Silva (2009) afirma que “as espacialidades de grupos sociais vivenciadas a partir das categorias de gênero, sexualidade, raça e classe foram vistas muitas vezes como irrelevantes” (p. 17). No entanto, essa “queerização” da geografia⁹ pode abrir percepções fecundas para repensar a relação, nos termos sennettianos, entre “carne” (corpos) e “pedra” (dimensão arquitetural da cidade), ou seja, pode iluminar as relações entre sociabilidade e alteridade entre segmentos sociais urbanos. Jacques (2009), em sentido convergente, afirma que “de fato, a relação entre corpo e cidade, entre carne e pedra, entre

o corpo humano e o espaço urbano, tem sido bastante negligenciada na historiografia do urbanismo e das cidades e, em sua maioria, os estudos ainda têm se concentrado na história das pedras” (p. 129). Nessa relação entre corpo e cidade, a autora convida-nos a pensar em termos de “corpografias”:

(...) corpo e cidade se configuram mutuamente e (...), além de os corpos ficarem inscritos nas cidades, as cidades também ficam inscritas e configuram os nossos corpos. Chamaremos de *corpografia* urbana este tipo de cartografia realizada pelo e no corpo, ou seja, as diferentes memórias urbanas inscritas no corpo, o registro de experiências corporais da cidade, uma espécie de grafia da cidade vivida que fica inscrita, mas, ao mesmo tempo, configura o corpo de quem a experimenta. A cidade é lida pelo corpo como conjunto de condições interativas, e o corpo expressa a síntese dessa interação, descrevendo, em sua corporalidade, o que passamos a chamar de *corpografia* urbana. (JACQUES, 2009, p. 130).

Essa dimensão da corpografia urbana permite acesso a “memórias urbanas não visíveis nas representações usuais, mas inscritas nos corpos daqueles que a experimentam” (p. 138). Penso, aqui, nas estratégias de montar e desmontar o corpo, sobre as quais me falava um informante, cliente dos mais assíduos à sauna: “quando a gente entra aqui, desmonta tudo aquilo que a gente traz da rua. Esse lugar é o lugar do desmonte. Eu venho de fora e deixo lá todo um peso. Aqui dentro, é outra coisa, é o desmonte”. Assim, os espaços urbanos (destacando aí o centro da cidade) de encontro para expressão de desejo homosocial – bares, saunas, cines, boates – servem de portais, para montagem e desmontagem de corpos.

No contexto dessas corpografias, em que se configuram espacializações do desejo homoerótico na cidade, apontamos determinadas formas em que são tramadas práticas de sociabilidade, interação e visibilidade dos corpos e dos sujeitos.

No que concerne ao uso de espaços de entretenimento, lazer e consumo por gays idosos em Fortaleza, podemos afirmar que, à margem do circuito GLS, as espacializações desse segmento social concentram-se em bares do centro da cidade (tidos como “decadentes”)¹⁰, em cinevídeos¹¹ e, privilegiadamente, nas saunas. Das seis saunas em funcionamento em Fortaleza, à época da pesquisa, apenas numa dela a presença de idosos é menos ostensiva¹². As cinco

saunas restantes são bastante frequentadas por velhos, quatro dessas sendo declaradamente voltadas para o “público GLS” (todas situadas no centro da cidade)¹³. Esse público é composto majoritariamente por homens “maduros” (acima de quarenta anos), mesmo que haja também a presença de gays mais novos e de sujeitos que não se consideram homossexuais, que são casados, mas que “curtem”, durante a tarde¹⁴, em dias de semana (especialmente na segunda e na terça-feira) fazer sauna para “curtir uma brincadeira” episódica (um informante me falava que se trata do “hetero curioso”), além de garotos de programa com menor poder aquisitivo e que habitam em bairros da periferia da cidade (ou, em alguns casos, no centro da cidade).

O dia do karaokê, nos dois períodos do trabalho de campo, mudou, na programação da sauna: inicialmente realizado aos sábados, a partir das 18h, e depois transferido para a quarta-feira, a partir das 19h, novamente voltou para as noites de sábado, atualmente anunciado como “Sábado divertido – Vídeokê premiado a partir de 18:30, onde você pode se revelar o artista. Venha mostrar o seu talento!” (Anúncio no *site* do estabelecimento). A atividade concentra boa parte de senhores (50-70 anos) com quem tive oportunidade de conversar e de conviver, que fazem um uso menos “frenético” da sauna como espaço de encontros sexuais. “As pessoas pensam que aqui é um lugar só pra trepação, e não é. Você vê, aqui dá pra você chamar os amigos, dá pra rir, dá pra se divertir numa boa, sem essa de que só tem sexo na cabeça”, me dizia um dos frequentadores do karaokê. Mas é bom que se diga que os encontros sexuais existem, sim. Esse mesmo informante, que tem mais de sessenta anos, noutro instante me dizia, numa das noites de sábado, bem eufórico, após algumas cervejas e animado com o garoto com quem iria fazer uma “massagem”¹⁵: “isso aqui é a salvação da lavoura! Tu já pensou se não existisse isso aqui, como é que eu iria ficar com um menino como esse? Tu acha bem que ele iria se interessar por mim por causa da minha beleza, do meu corpo? Não tem nem perigo...”.

E de fato, os senhores do karaokê, sempre se acompanhavam de *boys*. Alguns deles permaneciam com o cliente quase a noite inteira (pelo que eram mais bem gratificados), sentando à mesa ou afagando as costas e os cabelos do cliente no balcão do bar, lembrando as coreografias do namoro. Embora a mediação financeira seja fator onipresente, pude perceber variações nas trocas de serviço afetivos e sexuais que tensionam as representações associadas à prostituição viril. Alguns clientes chegavam a manter relações

de “exclusividade” com um garoto (o que aumentava sua disponibilidade para gastos com o mesmo); outros mantinham relações de “ajuda” e amizade fora da sauna. Essa questão da “ajuda” é muito presente na fala dos garotos, para solicitar dinheiro. Nunca explicitam que querem o dinheiro do cliente, quando este se torna seu cliente habitual. Pedem uma “ajuda”, e sempre há inúmeras narrativas de necessidades domésticas, com a casa ou com os filhos, para o que contam com a generosidade de seu “amigo mais velho”. Conheci um senhor que me disse haver feito o bolo do casamento de um dos garotos e, ainda, que é padrinho do casamento do mesmo. Assim, essa margem na manifestação de afetos e no tipo de relação mantida com os garotos dificulta, em alguns instantes, falarmos dos garotos como “prostitutos”, termo que é recusado pelos próprios clientes.

Do ouvir cantar... Ao contar a cena

A aparelhagem de som, alugada pelo proprietário da sauna, é montada no pequeno palco onde em outras ocasiões ocorrem shows com artistas, *strippers* ou projeção de videoclipes e filmes¹⁶. O salão onde fica o bar, no qual se realizam as atividades “culturais” e de sociabilidade, tem iluminação azul¹⁷. Os que costumam cantar no karaokê episodicamente deixam o salão, nele permanecendo a maior parte da noite. Já os que não cantam ou que não gostam do karaokê são percebidos em seus pequenos vôos de um lado ao outro, num entra-e-sai de saunas e indo e vindo das cabines e do *darkroom*. Os *boys* costumam ficar ora nos bancos do corredor, momento em que abordam clientes potenciais, ora no salão, onde permanecem por mais tempo para localizar seus clientes, e esporadicamente nas saunas, especificamente na sauna a vapor.

Após testes para verificar o som e evitar microfônias, começa a música. Há disputa por canções e há uma “fila” para cantar. Um sistema manual de anotação deu lugar à programação via controle remoto do aparelho. O cenário habitual compõe-se, em média, de 20-30 clientes no salão¹⁸. Há ainda os *boys*: numa noite normal de karaokê, a média é de 10 a 15 garotos¹⁹. Começam a cantar.

O repertório é bastante vasto (cheguei a contar mais de duzentas músicas cantadas em diferentes dias de karaokê), mas fundamentalmente composto por canções românticas. É o repertório que eles escolhem para cantar não poderia responder menos a essa demanda de romantismo. Privilegiando

cantores populares das décadas de 1970-80, além de algumas canções de artistas das décadas de 1950-60, evocam uma cultura musical hoje taxada de música “brega” ou “cafona”²⁰. Ficaré para outro momento uma análise desse cancionário, vinculada às performances no karaokê. A seguir, faço algumas considerações sobre como me apropriei do contexto musical do karaokê para abordar aspectos da sociabilidade constituída na sauna pelos sujeitos desta investigação.

Voz, erotismo, sexualidade e música

Como, na condição de cientistas sociais, dar conta dessa territorialidade de relações sociais constituída pela música?

Se a música não usufrui ainda do estatuto de objeto canônico de investigação nas ciências sociais, não é menos verdade que ela não tem cessado de interpelar, em diferentes contextos culturais, históricos e epistemológicos, a imaginação sociológica. Faço a opção de tomar a música como um dos processos sociais através dos quais as pessoas criam e participam de relações sociais de diversos tipos (SEEGER, 2008; BOURRIAUD, 2009), ou seja, recurso social indutor de solidariedade grupal. O contexto da música, do canto e da dança, segundo essa perspectiva, permite acessar modos de identificação (pessoal e coletiva), hierarquizações, práticas e experiências partilhadas por indivíduos de um grupo social.

No caso da pesquisa de campo realizada, a música foi percebida menos como objeto específico de atenção do que como recurso instaurador de sociabilidades, como “moldura” para a investigação, permitindo a constituição de um recorte que articula várias dimensões das pesquisas sócio-antropológicas sobre homossexualidade: culturas urbanas e especializações do desejo homossexual (bares, saunas, cines, pontos de “pegação”, que compõem uma “geografia das sexualidades” gays); práticas de interação em sauna e marcadores sociais de diferença nas homosociabilidades (geração, classe e gênero, fundamentalmente); estudo de culturas corporais nas homossexualidades, etc.

Procuro, assim, acessar esse universo musical como referido a uma experiência coletiva acumulada por esses sujeitos: “A experiência acústica é de territorialidade, é uma experiência de situar-se no mundo. (...) (o som) é também uma experiência de identidade” (REINALDO, 2005, p. 41-

42). Através dessa memória musical, podemos reconstituir a um tempo de experiências acumuladas por esses sujeitos: tempo de lembrança de amores, de modos de viver, de palavras e sons que potencializam o corpo, reinvestindo-o de afetos, possibilitando linhas de fuga e devires no tempo²¹.

Na medida em que possibilita acessar essas dimensões, a música vivida, segundo Wisnik, funciona como “habitat, tenda que queremos armar ou redoma em que precisamos ficar” (1989, p. 30). É nesse sentido que podemos tratar a música de karaokê que como esse habitat compartilhado, tenda da memória reinventada que os sujeitos armam, contando com a presença confirmadora do outro (fundamental nessa reinvenção), mediada não por laços de solidariedade pactuados discursivamente, mas embebidos pela emoção estética trazida pela música.

Desse modo, podemos pensar a situação do karaokê como geradora de sociabilidades “pacificadas”, amparadas pelas telas de um laço de solidariedade permeável à fantasia, à “nostalgia”, ao “romantismo” (para evocar as palavras tão recorrentes dos frequentadores do karaokê), na qual momentaneamente os indivíduos produzem para si uma harmonia com um mundo possível de ser habitado, para além das realidades penosas impostas. Nesse sentido, um dos participantes foi certo ao descobrir o segredo de polichinelo do karaokê: “já saquei qual é o truque dessas bichas: elas bebem, ficam todas amiguinhas, e aí elas relaxam, e criam esse ambiente gostoso...”. Esse abaixamento do nível de crítica tem a ver com os poderes de religação, de pacificação, trazidos pelas pulsões invocantes²², supondo a existência de um outro acolhedor, uma amizade, uma aquiescência desse outro.

Aproveito essas indicações para refletir sobre a função do canto e da dança na situação do karaokê numa sauna que articula outros modos de apropriação do espaço (espaço de hiper-saturação sexual) e de constituição de modos relacionais que permitem a expressão coletiva do júbilo trazido pela música. Mesmo e tratando, em sua maioria, de sujeitos velhos – há também alguns trintões e quarentões –, frequentemente acompanhados de massagistas ou *boys*, fora dos padrões corporais midiáticos e dos modelos de masculinidade hegemônicos, vemos ali um uso da diversão e do entretenimento que servem, como modos de resistência e de recriação de si mesmos, dispondo do aparato da música como veículo de expressão subjetiva: não foram poucas as vezes em que ouvi sobre o karaokê que ali era lugar para o romantismo, para a nostalgia, para lembrar amores e tempos passados, mas que constituem

fragmentos valiosos de suas biografias, e que permitem a afirmação de um sentido para as vidas desses sujeitos, permitindo identificações horizontais, funcionando como operador de relações de socialidade e de produção de contextos de expressão de si mais clementes.

A incursão na sauna e no karaokê permitiu evidenciar agências e protagonismos dos sujeitos. Cantar, ficar com os massagistas, ouvir suas histórias, conversar com os amigos, produzir afetos por meio de pulsões invocantes, cultivar a memória através de músicas nostálgicas e românticas, são práticas tecedoras de sociabilidade e erotismo, e servem, a nosso ver, para combater aquela melancolização dos gays velhos (ERIBON, 2008), constituindo sociabilidades mais clementes. O acervo musical performatizado no karaokê pode ser tomado como contexto melódico que condensa fragmentos importantes da trajetória social desses indivíduos, dá acesso à territorialidade dos afetos e dos modos de expressão da homossexualidade em contextos passados (décadas de 1950 até hoje).

Há todo um jogo de ironias e auto-ironias, paródias difamatórias sobre si e sobre os outros, utilizando “identificações irônicas” (SAFATLE, 2008) para se referirem a si mesmos e aos amigos, identificações que fazem um reviramento do imaginário social sobre velhice, sexualidade e desejo homoerótico. O humor e a ironia para relativizar suas desventuras, paixões, relações com os *boys*, perdas de vínculo familiares, etc., combinam-se através do convívio lúdico proporcionado pelo karaokê.

2. Encontrando “coroas”. “maduros”, “tios” e “filhos”, “lekes” e “filés”: etnografia de ambientes virtuais

Nesta segunda incursão etnográfica, realizada entre os meses de março de 2011 a março de 2012, buscamos descrever as significações de gênero, erotismo e geração, negociadas em relações homossexuais masculinas, a partir das interações observadas nas salas de bate-papo do portal UOL. Tomamos as classificações nativas de “coroas” e “filhões” como referenciais para a compreensão dos códigos relativos à masculinidade e à idade nessas sociações eróticas.

A estratégia metodológica da pesquisa consistiu em observar os *nicks* (apelidos utilizados para ingressar na sala) elaborados pelos participantes das salas de bate-papo (categoria: cidades – Fortaleza), acompanhar as conversas

e mensagens trocadas pelos participantes e tentar interagir com eles. Fiz diversas tentativas nesse sentido de busca de interação: de início utilizava um *nick* bem comum, com poucas informações; com o desenrolar da conversa, revelava minha intenção de compreender as expectativas de busca de parceiros *coroas*, o que, em muitos casos, ocasionava a imediata perda de interesse do meu interlocutor e o fim da conversa. Em seguida, passei a adotar o *nick* “conversar com *coroas*”, para declarar explicitamente minha intenção ali na sala. Desse modo, consegui interagir, ainda com certa dificuldade, tanto com “*coroas*”, “*maduros*”, “*50tões*”, “*tiozões*”, como com “*garoto curte coroa*”, “*leke quer maduro*”²³, “*filé curte coroa*”, etc.

As conversas, na maioria das vezes, não duravam mais que alguns minutos, mas em alguns casos, consegui prolongar a interação, inclusive adicionando meus interlocutores no *msn*. Com alguns deles mantive contatos prolongados, por meses a fio de conversas; nesses casos, a sensação era de que a relação estabelecida com esses sujeitos era muito semelhante àquela que se consegue com “bons interlocutores” em pesquisas presenciais (que costumamos designar como “entrevistas em profundidade”), embora as insinuações e expectativas de interação eróticas – também presentes nas relações mantidas entre pesquisadores e pesquisados sobre temáticas como intimidade, erotismo e sexualidade – estivessem sempre presentes, em virtude, talvez, do dispositivo de mediação fornecido pela *internet*, em que o anonimato, a superficialidade e instantaneidade do contato alternam-se com relatos de grande exposição pessoal e partilha de informações íntimas, tais como fantasias, desejos e preferências eróticas. No contato presencial, as cerimônias da interação face a face impõem certas travas no fornecimento de informação pessoal e de exposição de si.

Alguns autores têm refletido sobre as relações ambíguas entre interação via *internet*, exposição de si e preservação do anonimato e do segredo sobre a identidade própria – regime de exposição e de manutenção de segredo sobre informação pessoal próximo daquilo que Sedgwick denominou “epistemologia do armário”, conforme caracterizado anteriormente. Carolina Parreiras fala, por exemplo, na “ocorrência de um ‘coming out’ restrito ao virtual” (2008, p. 170). Miskolci (2009, p. 188-189), por sua vez, pontua questões importantes para pensar a ambivalência dos “dilemas e promessas da *internet*”: ora a *internet* parece ter libertado os indivíduos das restrições do armário, ora parece tê-lo ampliado:

(...) a internet ampliou o armário duplamente: por ter introduzido nele muitos que jamais explicitariam desejos por pessoas do mesmo sexo – e que o fazem agora graças ao anonimato – e também porque a maioria das relações forjadas on-line já surge secretamente. A web não extinguiu a principal fonte de preocupação, sofrimento e solidão de muitos que compartilham desejos por pessoas do mesmo sexo: o segredo. O armário ainda parece ser o mecanismo de controle de suas vidas, no fundo, solitárias, já que vividas em um limbo comprimido entre a socialmente aceita e a secreta, em que tentam alocar seus desejos, prazeres e sonhos.

Outro ponto a destacar, relativo às complexas e ambivalentes interações na *internet*, diz respeito à construção identitária materializada no “nick”, em que, com poucos caracteres, se pretende informar, de maneira clara, o essencial de informação sobre si próprio, o tipo de parceiro visado e a expectativa de interação erótica, afetiva e sexual.

Lembro, com Goffman, que a interação implica manipulação de informação pessoal, envolvendo o trabalho de construção de “fachada”, na qual se articulam, simultaneamente, revelação/exposição de si, por um lado, e manutenção de segredo, por outro, conforme o contexto e a situação de interação de que participa o indivíduo: “A informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar. Assim informados, saberão qual a melhor maneira de agir para dele obter a resposta desejada” (GOFFMAN, 1985, p. 11).

No caso da interação on-line, a margem de manipulação na construção da identidade própria parece ampliada, se comparada às estratégias de auto-apresentação na interação off-line/presencial. Goffman analisa os limites da maleabilidade envolvida no controle de informação pessoal (exibição x segredo) na interação face a face em termos de discrepância entre realidade e aparência, com limites a serem preservados:

Se a atividade de um indivíduo tem de incorporar vários padrões ideais e se é preciso fazer uma boa representação, então, provavelmente, alguns desses padrões serão mantidos em público à custa do sacrifício privado de alguns outros. Com frequência, certamente, o ator sacrificará aqueles padrões cuja perda pode ser ocultada e fará este sacrifício para sustentar padrões cuja aplicação inadequada não pode ser escondida (GOFFMAN, 1985, p. 48).

No que concerne à interação *on-line*, a manipulação envolvida no processo de elaboração de perfis subjetivos parece usufruir de liberdade ilimitada, dada a heterogeneidade entre as identidades *on-line* e *off-line*: “na ausência de uma materialidade física, os perfis são os responsáveis por constituírem a “corporificação” de cada um” (PARREIRAS, 2008, p. 136). No entanto, segundo Parreiras, essa margem de manipulação abriga determinados constrangimentos na construção de identidades e corpos no virtual, o que implica um tensionamento da diferença entre os regimes do *on-line* e do *off-line*. De modo semelhante ao que a autora afirma a propósito da construção dos perfis e avatares do Orkut, também identifico no processo de construção dos *nicks* nas salas de bate-papo, que estes “carregam uma série de marcas, sendo que estas corporificações são discursivamente concebidas e experimentadas a partir de um repertório de possibilidades. Existem, também no virtual, padrões de corpos valorizados e desejados e, em geral, os avatares são compostos em função desta padronização” (2008, p. 135-136).

Assim, ao invés de insistir em certo maniqueísmo a contrapor identidade real (autêntica/*off-line*) versus identidade virtual (falsa/*fake/on-line*), caberia enxergar o trabalho criativo de elaboração de perfis e *nicks* como modos de auto-apresentação e figuração de si (a partir de marcadores como: idade, cor/raça, classe, preferência sexual, dentre outros) acionados para possibilitar a interação erótica (virtual e presencial) com parceiros. Os *chats*, assim, se configuram como privilegiado “veículo de transmissão e criação de fantasias. Tudo o que a imaginação pode conceber, tem a possibilidade de ser, pelo menos em teoria, materializado e mostrado ali. Por isso, talvez seja um dos modos mais eficazes para a construção de convenções do que seriam segredos, daquilo que é vetado em uma situação *off-line*, de pensamentos, fetiches, desejos e fantasias” (PARREIRAS, 2008, p. 176). Nesse sentido, as salas de bate-papo “Cidades e regiões”, embora não designadas como eróticas ou para sexo virtual²⁴, são saturadas de conteúdo sexual/erótico e permeadas por “fantasias de presença”: “na falta corpórea e material do outro, diversos mecanismos – a montagem dos avatares entre eles – simulam sua presença. Mas esta presença é, de certo modo, incerta e fantasiada, já que nunca se sabe exatamente quem está do outro lado da tela” (PARREIRAS, 2008, p. 177-178). Os *nicks* deixam explícita a expectativa de interação sexual, ao enunciar atributos (idade, preferências sexuais, etc.) e fantasias a negociar.

Coroas e filhões no bate-papo: negociações do desejo e interação erótica

O material empírico produzido a partir da etnografia das salas de bate-papo e de alguma frequência em bares com afluência de gays idosos (coroas e maduros)²⁵ ensejou algumas construções analíticas concernentes às afinidades eróticas entre aqueles sujeitos (o “coroa” e o “filhão”) envolvendo apreciações de corpo, personalidade (competências emocionais), trajetórias de vida (traduzida como acúmulo de experiências) e performances sexuais (caracterizadas pela prevalência da componente ternura em relação à componente propriamente sexual). Que estilos de vida são associados ao coroa? De que forma a dimensão geracional intersecciona outros marcadores de diferença? Poderíamos pensar num protagonismo erótico de gays idosos no contexto dessas relações? Estas foram as questões que permearam minha reflexão.

O conjunto da obra: a caracterização do coroa e outras classificações

No diálogo que se segue, um interlocutor descreve o que seria um coroa:

- (06:12:14) Fabio.hh reservadamente fala para hxx ker h koroo: o que vc considera koroo?
(06:12:26) hxx ker h koroo (reservadamente) fala para conversar com coroas: na faixa de 40 45
(06:13:08) conversar com coroas reservadamente fala para hxx ker h koroo: o que te atrai num coroa
(06:13:33) hxx ker h koroo (reservadamente) fala para conversar com coroas: tesao.... sei lá.... sempre só gostei de coroa... quanto mais cara de coroa melhor eu acho
(06:14:06) conversar com coroas reservadamente fala para hxx ker h koroo: como é cara de coroa, rapaz
(06:14:52) hxx ker h koroo (reservadamente) fala para conversar com coroas: tem homem com 40 q aparenta muito menos e vice e versa
(06:16:20) conversar com coroas reservadamente fala para hxx ker h koroo: o que especialmente te chama atenção num coroa?
(06:17:13) hxx ker h koroo (reservadamente) fala para conversar com coroas: o conjunto da obra.... um cabelo grisalho, uma barriguinha....

O “tiozão” é caracterizado, na forma como se segue, como um primeiro momento da carreira do envelhecimento, precedendo a “aparente maturidade” do coroa:

- (06:45:45) Conversar com coroas reservadamente fala para Univer\$\$\$itário HH: o que vc considera um coroa?
(06:45:57) Univer\$\$\$itário HH (reservadamente) fala para Conversar com coroas: Tu tens que idade?
(06:46:00) Conversar com coroas reservadamente fala para Univer\$\$\$itário HH: 39
(06:46:06) Univer\$\$\$itário HH (reservadamente) fala para Conversar com coroas: excelente.
(06:46:13) Conversar com coroas reservadamente fala para Univer\$\$\$itário HH: sou coroa?
(06:46:27) Univer\$\$\$itário HH (reservadamente) fala para Conversar com coroas: é um Tiozão
(06:46:28) Univer\$\$\$itário HH (reservadamente) fala para Conversar com coroas: hehe

(06:46:32) Conversar com coroas reservadamente fala para Univer\$\$\$itário HH: legal,,, e qual a diferença entre ser um coroa e um tiozão?

(06:46:58) Univer\$\$\$itário HH (reservadamente) fala para Conversar com coroas: coroa é 40tão.

(06:47:03) Conversar com coroas reservadamente fala para Univer\$\$\$itário HH: ah ta

(06:50:31) Conversar com coroas reservadamente fala para Univer\$\$\$itário HH: o que te atrai no coroa

(06:50:47) Univer\$\$\$itário HH (reservadamente) fala para Conversar com coroas: a aparente maturidade.

(06:50:54) Conversar com coroas reservadamente fala para Univer\$\$\$itário HH: como assim

(06:51:11) Univer\$\$\$itário HH (reservadamente) fala para Conversar com coroas: complexo demais para tentar explicar..

Passando para o *msn*, prossegue o diálogo que mobiliza o sistema de classificações. Desta vez, fala-se sobre o capital erótico do “filhão”:

Bob diz:

olá Tio.

Caio diz:

se sou seu tio, como quer que eu te chame

Bob diz:

rsrsrs... filho... filhote...filhão; o que lhe for melhor...

Caio diz:

me diz o que vc prefere

Bob diz:

rs... lhe deixo a vontade para escolher, gosto dos 3 citados acima.

Caio diz:

o que um tio pode esperar de um filhote de 18 anos?

Bob diz:

rapaz, tenho muito tesão pra lhe oferecer... hehe

No diálogo seguinte, enumeram-se características associadas ao “maduro”. O critério idade mostra-se acionado de modo diferenciado, seja para associar perfil físico, seja para descrever características subjetivas:

(12:01:34) conversar com coroas reservadamente fala para macho curte maduro: o que vc entende por maduro?

(12:01:47) macho curte maduro (*reservadamente*) fala para conversar com coroas: cara com mais 35 anos

(12:04:12) conversar com coroas reservadamente fala para macho curte maduro: o que te atrai num cara maduro

(12:04:33) macho curte maduro (*reservadamente*) fala para conversar com coroas: segurança

(12:05:05) conversar com coroas reservadamente fala para macho curte maduro: como assim

(12:05:31) macho curte maduro (*reservadamente*) fala para conversar com coroas: mais experiência de vida

(12:05:58) macho curte maduro (*reservadamente*) fala para conversar com coroas: menos perigo de pegar um pilantra

(12:06:17) conversar com coroas reservadamente fala para macho curte maduro: pilantra tem a ver com idade?

(12:06:56) macho curte maduro (*reservadamente*) fala para conversar com coroas: no meu pensamento tem sim

(12:07:48) conversar com coroas reservadamente fala para macho curte maduro: pensei que maduros era só a partir de 40! (12:08:48) macho curte maduro (*reservadamente*) fala para conversar com coroas: pra muitos é com mais quarenta mesmo (12:10:09) conversar com coroas reservadamente fala para macho curte maduro: pra vc coroa é o mesmo que maduro? (12:10:38) macho curte maduro (*reservadamente*) fala para conversar com coroas: não, mas eu gosto dos dois hehehe
(12:11:35) macho curte maduro (*reservadamente*) fala para conversar com coroas: ja fiquei com cara de 50 anos
(12:11:36) conversar com coroas reservadamente fala para macho curte maduro: o q diferencia um do outro?
(12:13:18) macho curte maduro (*reservadamente*) fala para conversar com coroas: nao tem muitas, só mais idade e mais experiencia e menos ereção.

Com Alex, interlocutor privilegiado, tive vários encontros virtuais. Ele se apresenta como “divorciado, cinquentão ativo, enxuto, sarado”, “eu malho, não sou do tipo barrigudo e careca, gosto de movimento”. Esta autodescrição objetiva desassociar-se de uma imagem negativa, de decadência, associada ao processo de envelhecimento, identificando-se com uma imagem positiva do gay maduro. Ele se tornou referencial durante a etapa de imersão no universo das interações *on-line*. Descreve a afinidade entre coroas e garotos, os processos de (auto)percepção e designação implicados na experiência de envelhecer.

(10:51:41) conversar com h coroas reservadamente fala para 50tão-ativo: me chamou atenção seu nick
(10:56:56) 50tão-ativo (*reservadamente*) fala para cara.hh: qual parte do nick?
(10:58:44) conversar com h coroas reservadamente fala para 50tão-ativo: é difícil ver 50ões no chat
(10:58:51) conversar com h coroas reservadamente fala para 50tão-ativo: ou te enganado?
(10:59:04) 50tão-ativo (*reservadamente*) fala para conversar com h coroas: qual sua idade?
(10:59:12) conversar com h coroas reservadamente fala para 50tão-ativo: 39
(10:59:37) 50tão-ativo (*reservadamente*) fala para conversar com h coroas: é os caras da minha idade são meio que discriminados pelos mais jovens
(10:59:54) 50tão-ativo (*reservadamente*) fala para conversar com h coroas: acham que já estamos moribundos, próximos da morte
(11:00:17) conversar com h coroas reservadamente fala para 50tão-ativo: mas vc chega a conhecer caras aqui no bate papo?
(11:00:34) 50tão-ativo (*reservadamente*) fala para conversar com h coroas: sim
(11:00:54) conversar com h coroas reservadamente fala para 50tão-ativo: tem uns caras que preferem coroas...
(11:01:06) 50tão-ativo (*reservadamente*) fala para conversar com h coroas: mas sempre muito novinhos, 17/18/19, a procura de experiencia pra iniciar na vida
(11:02:14) 50tão-ativo (*reservadamente*) fala para conversar com h coroas: eles acham que sabemos iniciar o cara sem dor, e o cara gostando
(11:02:24) 50tão-ativo (*reservadamente*) fala para conversar com h coroas: o que não deixa de ser verdade.....rsrsrs
(11:02:29) 50tão-ativo (*reservadamente*) fala para conversar com h coroas: vamos combinar...
kkkkkkkkk

Fantasia intergeracionais, erotismo e ambivalência

Temos, a seguir, outro encontro com Alex, agora com o *nick* de Zorba. Apresenta uma nova figuração do coroa e do velho, como alguém que se cuida, com ciclo de vida expandido, com auto-estima, mesmo que confrontado com apreciações estigmatizadas. Como ele fala, “convenhamos que pessoas da minha idade, normalmente, e não é o meu caso, são desleixadas, gordas, barrigudas”:

(03:34:17) conversar com h coroas reservadamente fala para zorba-50-ATV: e vc, se considera coroa?

(03:34:34) zorba-50-ATV (reservadamente) fala para conversar com h coroas: não, mas tenho espelho em casa

(03:35:38) zorba-50-ATV (reservadamente) fala para conversar com h coroas: não me considero, mas me vejo, sei que idade tenho... mas isso não me incomoda

(03:36:08) zorba-50-ATV (reservadamente) fala para conversar com h coroas: uns acham atraente, outros acham que eu já morri ... e assim vai

(03:36:22) conversar com h coroas reservadamente fala para zorba-50-ATV: nossa, uns acham q já morreu? isso é forte hein

(03:36:52) zorba-50-ATV (reservadamente) fala para conversar com h coroas: é forte mas é verdade

(03:37:06) zorba-50-ATV (reservadamente) fala para conversar com h coroas: tem jovemzinho, tipo 18 que se sente atraído, outros fazem pergunta do tipo.... ainda levanta?

(03:38:19) zorba-50-ATV (reservadamente) fala para conversar com h coroas: agora mesmo tem 2 passivo gatos, perguntando se eu aguento dois

(03:38:39) zorba-50-ATV (reservadamente) fala para conversar com h coroas: eu respondi que pra levar nas costas não, mas pra foder, aguento sim.

(03:42:29) zorba-50-ATV (reservadamente) fala para conversar com h coroas: vcs jovens são

demasiadamente crueis (03:43:16) zorba-50-ATV (reservadamente) fala para conversar com h coroas: excluem os mais velhos sem se dar conta de que, se não morrerem jovens, vão envelhecer tb

Por outro lado, noutra conversa, Alex fala sobre a curiosidade dos gays mais novos pelos mais velhos. Diz que costuma ficar com caras mais jovens, “nem que seja por uma vez, para matar a curiosidade deles”:

alex diz:

muitas vezes os novinhos tem curiosidade se, como falei antes, nós mais velhos temos tesão ainda e depois que veem que levaram muito kct no rabo, saem de fininho

entende

Caio diz:

o que vc acha dessa curiosidade?

alex diz:

muitas vezes são iniciantes que querem que seja um cara, mais experiente pra tirar sua virgindade, pq acreditam que sabemos fazer direitinho, por conta da experiencia, pura ilusão, nada a ver; o cara pode ter 100 anos e não saber trepar

Caio diz:

acha que os mais velhos passam a imagem do pai protetor, que sabe cuidar?

alex diz:

com toda certeza a imagem do gay bonito, forte, sarado, e jovem é a que reina; por outro lado, acho tb que, os meninos de tipo 18, 19 anos, são meio que órfãos de pai, quando se descobrem gays

Caio diz:

interessante sua percepção

alex diz:

primeiro por falta de coragem de confiar no pai, e com razão; os pais são hipócritas e sei que os meninos novinhos, são perdidos por conta da ignorancia dos pais; daí o interesse de pegar um véi pra tirar o cabaço deles...rsrsrs

Ambientes virtuais como espaços de encontro entre coroas/maduros e filhões

Na conversa seguinte, a *net* é apresentada simultaneamente como lugar de encontro e armário:

Caio diz:

Onde vc encontra eventuais parceiros, além da net?

alex diz:

só na net; fora disso só um acaso grande

Caio diz:

por que acha que a net se tornou esse meio tão privilegiado para conhecer pessoas?

alex diz:

justamente pelo anônimo, pela discrição, pelo sigilo; 90% não quer aparecer pra sociedade, não quer dar cara a tapa, e eu concordo com esses 90%, nunca iria me submeter ao julgamento de uma sociedade cruel e hipócrita.

Nesta outra conversa, reaparece a afinidade entre saunas, coroas e interações intergeracionais:

Caio diz:

Alex, se eu quiser encontrar caras mais velhos, onde eu poderia achá-los?

tem algum bar? Alguma sauna?

alex diz:

em sauna com certeza... bares eu não tenho a menor ideia

Caio diz:

p q sauna com certeza?

alex diz:

pq já vi

Caio diz:

o que há lá que os atrai mais?

alex diz:

ô Jesus!!! JOVENS meu filho... o que mais poderia ser?

3. Inconclusivamente... Pontuando algumas questões:

a) O coroa como reinvenção de si do gay idoso

Tomando as classificações nativas de “coroas” e “filhões” como referenciais para a compreensão dos códigos relativos à masculinidade e à idade nessas sociações eróticas, o “coroa” diz respeito a um tipo muito mais definido por seus atributos emocionais e por sua trajetória de vida do que exatamente por sua idade. Em termos gerais, no entanto, seria correto dizer que o coroa é associado a “quarentões” e “cinquentões”, estes caracterizados como homens “que se cuidam”, que primam pela sua boa aparência, ao mesmo tempo em que se apresentam qualidades de personalidade e competências emocionais relacionadas a “estabilidade”, “experiência” e “maturidade”. “Maduro” é uma outra categorização para o “coroa”. O “filhão”, por sua vez, também deve caracterizar-se por “ter uma cabeça boa”, “ser maduro”, a despeito de sua pouca idade, situada, aproximativamente, entre 25 a 35 anos, embora eu tenha encontrado “coroas” que afirmaram que há muitos rapazes mais novos, com menos de vinte anos, que os procuram para sua iniciação afetivo-sexual.

O “coroa” dispõe de um capital erótico ambíguo. No que concerne às mulheres “coroas”, Goldenberg (2008) descreve o tensionamento entre os vetores “liberdade” x “atratividade”: a coroa é a “mulher emancipada”, a que tem recursos pessoais para materializar certo ideal de independência; ao mesmo tempo é a mulher que se depara com situação desvantajosa em relação ao capital do corpo e do casamento, pressionada pelo ideal de beleza e atratividade a que deve corresponder. No que concerne aos homens homossexuais, Simões (2004b, p. 88) aponta que “o ‘coroa’ é um personagem de idade indefinida, mas portador dos sinais visíveis da ‘máscara do envelhecimento’: o cabelo grisalho, as rugas, a cintura grossa, os movimentos um tanto mais lentos. Tipicamente, parece ser o homem maduro de modos viris, que tem saúde, disposição física, apresentação pessoal e dinheiro suficiente para frequentar espaços do chamado ‘circuito gay’, encontrar amigos, beber, se divertir e também tentar a sorte no mercado da paquera”. O coroa seria a figura que encarnaria a representação mais positiva do gay idoso, contraposto a representações deletérias associadas à velhice²⁶.

Em termos gerais, no entanto, seria correto dizer que o coroa é associado a “quarentões” e “cinquentões”, acompanhados de qualidades de personalidade e de competências emocionais relacionadas a “estabilidade”, “experiência” e “maturidade”.

“Maduro” é uma outra categorização para o “coroa”. O “filhão”, por sua vez, também deve caracterizar-se por “ter uma cabeça boa”, “ser maduro”, a despeito de sua pouca idade, situada, aproximativamente, entre 25 a 35 anos, embora eu tenha entrevistado “coroas” que afirmaram que há muitos rapazes mais novos, com menos de vinte anos, que os procuram para sua iniciação sexual.

Para o filhão, o coroa “tem que ter caráter, maturidade, experiência” e ao mesmo tempo “tem que se cuidar”. Um dos coroas com quem conversei dizia que os garotos esperavam deles habilidades eróticas e afetivas: “eles acham que sabemos iniciar o cara sem dor, e o cara gostando. O que não deixa de ser verdade, vamos combinar (rsrsrs)”.

A virilidade também é uma característica associada ao coroa, mesmo que nem sempre na relação sexual o coroa desempenhe o papel de ativo. Esse dado contrasta com modelos de relações intergeracionais mais tradicionais, próximos do modelo analítico hierárquico descrito por Fry (1982): no caso da relação entre homens mais velhos e mais novos a prestação de ajuda por parte do mais velho recebia como contra dádiva do rapaz: sua potência sexual viril. Em contextos mais individualistas, essa hierarquia se torna mais complexa, envolvendo negociações ambíguas nos jogos de sexo, poder e diferença.

b) Modelos tradicional e igualitário nas relações afetivo-sexuais intergeracionais

Nas narrativas e histórias recolhidas junto aos sujeitos, observamos deslocamentos e bricolagens nos roteiros afetivo-sexuais, de um modelo tradicional / hierárquico a um modelo psicológico / igualitário. Podemos apontar um “desentranhamento”²⁷ de demandas subjetivas, emocionais, psicológicas, que passam a prevalecer sobre convenções culturais tradicionais, que ditavam papéis de gênero e desempenhos sexuais. Os balizadores dessas convenções, operadores de diferença (raça/cor, classe, performances sexuais e de gênero, geração...) negociam com uma agenda nova de interesses emocionais; uma espécie de economia libidinal mais pautada pela exigência de intimidade. Intimidade como *fair play*, como democracia das emoções.

Nesse sentido, pode-se pensar na busca de um ideal igualitário, a despeito de evidentes dessimetrias nas trajetórias biográficas dos indivíduos implicados, permeado por uma série de demandas psicológicas: Da parte dos filhões, dos garotos que curtem coroas e maduros, a valorização da experiência destes

últimos, índice de disponibilidade para constituir relações mais significativas, quando não mais estáveis e longevas, ultrapassando a dimensão do encontro para curtir, para ficar, para fazer sexo. “Ficar por ficar”, se envolver apenas para curtir sexo, apresenta-se como modelo de relação altamente desvalorizada pelos garotos, estando esse modelo, marcado por seu caráter episódico e sem profundidade, associado àquilo que fazem os homens mais novos. Nisso consiste boa parte da motivação que os fazem evitar envolvimento com pares.

Há também uma série de demandas formuladas pelos coroa: há a busca por garotos mais centrados, ainda que a desconfiança em relação à imaturidade dos garotos esteja presente em vários relatos de coroas e maduros. Esta imaturidade, manifestada pelos garotos em sua busca por envolvimento sexual com maduros, em alguns casos chega a ser sentida como o sentimento de “ser usado”, como vimos no relato de Alex.

O que o garoto vai buscar no cara maduro? O que é, para você, um coroa? Quando alguém pode ser considerado maduro? (Perguntas que causavam estranheza tanto nos garotos, quanto nos coroas). A resposta pode ser resumida na seguinte combinação de fatores. Os signos sociais que identificam um indivíduo como “coroa”, como “maduro”, conforme dito antes, consistem em 1. Um conjunto de características físicas (os cabelos brancos, a “barriguinha”, principalmente); 2. Acúmulo de experiência, combinado com estabilidade emocional, familiar, financeira e social. Isso se traduz em um perfil de homens mais masculinos, mais discretos, mais provedores (embora não implique desempenhos sexuais marcados exclusivamente pela preferência por ser ativo); 3. Competência emocional para lidar com relações menos efêmeras e mais significativas, indo além da experimentação de sensações relacionadas à atividade sexual.

Em relação aos garotos, lekes ou filhões, exige-se também que o garoto seja discreto, másculo, mesmo que tenham como preferência sexual serem passivos; que queiram envolver-se em relacionamentos mais estáveis, que estejam dispostos a retribuir possíveis dons na forma de dedicação, de empenho e de fidelidade. Há uma gramática ambígua: por um lado, há o uso de uma linguagem familiarista (paizão/paizinho *versus* filhão/filhote/bebê) que induz a pensar em lugares hierárquicos, permeados por diferenças de poder e de agência na relação (o lugar de poder estando teoricamente ligado aos parceiros mais velhos).

Não podemos desconsiderar, por outro lado, a permanência de modelos mais tradicionais de relação homossexual intergeracional, que se distanciam desse viés igualitário e psicologizante da relação entre o coroa/paizão e o seu filho/filhote. Evocamos, nesse sentido, os diversos casos em que o parceiro mais velho (coroa, maduro) reveste-se de um papel de tutor, de amigo, de padrinho, de alguém que ajuda a família de origem do rapaz, quando não da família constituída por este. Conversamos já com sujeitos que afirmavam não se importar que seu “namorado” mantivesse namoros e mesmo casamento heterossexual, desde que ele soubesse conservar o vínculo estabelecido entre eles. Trocas materiais aí se entrelaçam com trocas afetivas, num movimento de trocas de dádivas e contra-dádivas que complexificavam as negociações de desejo e afeição nessas relações. Se o homem mais velho aparece sempre como aquele mais bem posicionado social, cultural e economicamente, dispondo de poder decisivo para a conquista e a manutenção da relação, por outro lado, não pode deixar de considerar formas de agência e poder vindos da parte do rapaz, sob o qual recaem designações sociais subalternizadoras: o rapaz geralmente é de origem negra ou mestiça; mora em periferias ou em cidades vizinhas à capital; de origem socioeconômica pobre e tem baixa escolaridade. No entanto, dispõe de um capital erótico, expresso em seus atributos físicos e em suas habilidades afetivo-sexuais que, muitas vezes, se sobressai na relação e introduz inesperados arranjos de equilíbrio e negociação de poder nas parcerias.

Leve-se em conta, também, a explícita mediação de gratificação econômica que viabiliza arranjos relacionais intergeracionais por meio do trabalho sexual. É o caso, por exemplo, dos coroas, maduros e idosos (mariconas e tias) que encontramos na sauna, que utilizam o serviço dos *boys* do estabelecimento (massagens) para seus intercursos eróticos. No entanto, mesmo aí, no contexto do trabalho sexual viril, não é incomum que se imiscuem elementos não redutíveis à troca econômica: lembro, a título de exemplo, desse mesmo interlocutor que me disse haver feito o bolo de casamento do *boy* com quem mais tinha proximidade, que frequentava a casa dele, e que este o havia convidado para ser padrinho do filho que iria nascer. Também presenciei, durante meu trabalho de campo na sauna, situações conflituosas, urdidas na disputa por *boys* que tinham clientes preferenciais, tidos como “namorados”, dos quais se esperava exclusividade na oferta de serviços sexuais, dada a super-oferta de gratificação providenciada pelo amigo/cliente/namorado.

c) A vivência de uma relação amorosa como possibilidade efetiva na trajetória biográfica de gays maduros/idosos

Uma variável decisiva que, a meu ver, permite compreender a coexistência desses dois modelos que organizam diferentes arranjos eróticos intergeracionais – um mais baseado em expectativas de reciprocidade e de gratificação emocional próximas de um contexto igualitário, a despeito da interveniência de diversos marcadores de diferença, e outro mais tradicional, abrigando convenções e hierarquias de gênero e de papéis sexuais mais destacadas – está relacionada ao fato de que só recentemente (talvez nesta primeira geração de gays, idosos contemporânea nossa) se tornou possível conceber a vivência legítima e reconhecida de uma vida amorosa como experiência para esses indivíduos. De fato, temos hoje a primeira geração de LGBTs que forjaram uma linguagem política para expressar seus desejos e suas identidades, para além dos limites impostos pela clandestinidade e pelo não-lugar da homossexualidade no social.

Por outro lado, convém não esquecer, mesmo nessas relações próximas do *ethos* igualitário, o acordo tácito (a exigência mesmo) formulado na ideia de uma “discrição” a ser mantida, que tem mais a ver com o anonimato e a manutenção da vida dupla de um ou de ambos os implicados. Não é incomum encontrarmos coroas e maduros casados e que querem ter relações longevas com garotos. Evoco o depoimento de um cinquentão que me falava que quer viver um amor: “É só isso o que eu quero: encontrar uma pessoa que queira me fazer sentir amor, pois família e filhos, isso eu já tenho. Eu quero alguém que queira se dedicar a mim, enfim, eu quero é viver uma história de amor..”.

d) Estilos de vida, sociabilidades e mercado: poderes negociados

Por fim, cumpre destacar o protagonismo dos “coroas”, “ursos” e “tios” na constituição de um mercado de lazer e consumo, envolvendo redes de sociabilidade (virtuais e presenciais) e a constituição de culturas eróticas. Ao invés de ocuparem um lugar de margem e de presença residual nos equipamentos de lazer GLS, especificamente nas boates e bares “mais badalados” e frequentados por sujeitos mais jovens, aqueles sujeitos desempenham um papel central, principalmente no que concerne à constituição de uma série de equipamentos de lazer e consumo destinados a eles, em certo sentido, como observa França, na contramão do mercado GLS *mainstream*:

(...) a cena dos ursos desenvolve-se em posição crítica em relação ao que veem como a imposição de corpos malhados e jovens e a um consumismo superficial que marcariam a sociabilidade entre homens gays. Além de constituírem espaços alternativos de sociabilidade, os ursos têm inclusive uma bandeira própria, inspirada na bandeira do arco-íris, que costuma aparecer nos sites de relacionamento e nas revistas virtuais voltadas para esse público” (FRANÇA, 2012, p. 236-237).

Na pesquisa, conforme afirmado, frequentei um bar para coroa e ursos, situado na Praia de Iracema, tradicional zona de lazer e cultura em Fortaleza, cujo público-alvo consistia em “ursos” e seus apreciadores, com clientes de classe média, escolarizados e brancos. Interessante destacar a criação do *site* oficial do estabelecimento, que apresentava a programação do bar e onde os clientes postavam comentários diversos, nos quais podemos apreender códigos e apreciações sobre as festas e seus frequentadores. Nessas postagens, destaca-se uma valorização da imagem do coroa/urso²⁸: discreto, másculo, bem cuidado, bem-sucedido, educado e atraente, nada lembrando a depreciação que espreita a subjetividade de gays idosos. Podemos, assim, a despeito do nítido viés classista, que serve como operador de inclusão (no mercado de bens e no mercado erótico), tomar esse contexto envolvendo linguagens, lugares, sujeitos e poderes como articulador de um importante trabalho coletivo de ressignificação da imagem do gay idoso.

Notas

* O material apresentado neste artigo baseia-se nos dados da pesquisa “Envelhecimento homossexual: representações, experiências de sociabilidade e desafios políticos relativos à cidadania de gays idosos”, que contou com o apoio do CNPq para a sua realização (Edital MCT/CNPq N° 14/2010 – Universal).

1 Já na década de 1950, Karl Mannheim (1982) formulava o problema sociológico das gerações: como definir um ciclo de vida, uma geração, sem recair num biologismo, sem recorrer a “um tipo de sociologia de tabelas cronológicas”. A geração, para Mannheim, seria apreendida, antes, a partir da noção de situação (*Lagerung*), como conjunto de experiências comuns numa dimensão histórica do processo social (*idem*: 70, 71). É isso o que as noções de “situação da geração”, “estilo de geração” querem exprimir: a geração pode ser apreendida como produto de forças sociais e culturais (*Idem*: 94), envolvendo mecanismos integrativos e convergências de repertório de socialização (EISENSTADT, 1976).

2 A sigla LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros), usada largamente pelo movimento homossexual organizado e mesmo pelas instâncias do poder público voltadas para as políticas de promoção de direitos humanos e de educação para a

diversidade sexual, pretende circunscrever o conjunto dos sujeitos políticos concernidos nas lutas pelo respeito e proteção à liberdade de orientação sexual e de gênero. Substitui a noção, mais antiga e mais difusa, de “comunidade homossexual”, assim como a sigla GLS, de tom visivelmente mercadológico (assinalando um nicho de atividades lucrativas explorando as sociabilidades homossexuais).

3 Característica dessa tradição de estudos é a crítica a essencializações e naturalizações sobre práticas, identidades e convenções relativas à sexualidade e ao gênero. Nossa abordagem incorpora os estudos e metodologias dessa tradição de estudos, articulando-os a abordagens sobre idade e geração também numa perspectiva não-essencialista.

4 Em nível mundial, os trabalhos pioneiros sobre curso de vida e envelhecimento homossexual são da década de 1970: J. Gagnon e W. Simon (1973); Douglas Kimmel (1978, 1979) e K. Plummer (1975), muito situados numa perspectiva gaycêntrica. Em linhas gerais, o esquema analítico baseava-se num modelo de ciclo de vida específico, marcado por fases e estágios de constituição da identidade homossexual. Simões (2004a, 2004b) repertoria e comenta esses estudos pioneiros. M. Bozon (2004) retoma a noção de “ciclo de vida” para indagar se, hoje, ainda faria sentido falar de um ciclo de vida especificamente homossexual, noção utilizada naqueles estudos.

5 Retomo aqui, com modificações, a descrição e análise dos contextos investigados, desenvolvidas em Paiva (2011 e 2009b).

6 Permanece um desafio de análise entender por que as manifestações de desejo e erotismo entre os gays idosos são marcadas pelo vetor intergeracional: de fato, entre esses sujeitos temos encontrado muito poucos indícios de erotização num vetor intrageracional. As experiências de socialização e os modelos de interação mais hierárquicos (como citado mais à frente) típicos da cultura sexual brasileira, presentes nas trajetórias dos sujeitos, são alguns elementos que talvez ajudem a entender essa questão.

7 Classificações utilizadas pelos próprios frequentadores da sauna, adeptos ou não do “dia do karaokê”.

8 O neologismo “envelhescente”, derivado de “envelhescência”, foi cunhado pelo escritor Mário Prata, fazendo um jogo provocativo com os termos “adolescente” e “adolescência”, momento estabelecido sócio-culturalmente como limiar entre vida infantil e adulta. No caso do envelhecimento, há uma lacuna de mediações para demarcar “quando é que se começa a envelhescer”: aos trinta? aos quarenta? aos cinquenta? (ver OLIVIENSTEIN, 2000; BERLINCK, 1998).

9 A autora, citando o artigo “On the relationship between queer and feminist geographies”, de Larry Knopp (2007), mostra que uma das contribuições dessa “geografia queer”, refere-se à “construção da idéia do caráter híbrido e fluido das subjetividades sexuais e do significado da sexualidade para a realidade socioespacial” (SILVA, 2009, p. 99).

10 Esses bares, durante o dia, funcionam como lanchonetes, vendem refeições e à noite abrigam um variado público que circula pelo Centro, sendo considerado como lugares pouco seguros, “para encontro de gente perigosa e onde rola prostituição e venda de drogas”, segundo narrativa de um informante. Durante o período de realização da pesquisa, tive oportunidade de frequentar outro tipo de bar, não associado ao perigo e à decadência: funcionava na Praia de Iracema, em Fortaleza, um bar destinado ao “público ursino”, isto é,

a homens gays, gordos, peludos, discretos e viris e a apreciadores de parceiros sexuais com essas características. Ver mais à frente, nas considerações finais.

11 Para uma descrição do circuito homoerótico composto por esquinas, bares e cinevídeos em Fortaleza, ver Santos e Paiva (2013) e Teixeira e Paiva (2009).

12 Trata-se da sauna mais luxuosa, situada ao lado do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (centro cultural cercado de diversos estabelecimentos de lazer, lugar bastante frequentado por jovens, famílias, turistas, etc.), voltada a um perfil de clientes mais homogêneo em termos de grupo de status elevado e padrão corporal hegemônico (corpo viril, modelado em musculação, trabalhado por intervenções cirúrgicas; ausência de sinais evocadores de condição sorológica positiva para HIV, modelo de relacionamento afetivo-sexual mais igualitarista). Os sujeitos com quem conversei dizem que não gostam de lá, pois se sentem “fora de contexto”, acham que aquele espaço “não foi feito para eles”: “aquilo lá é tudo muito asséptico”, “há muita exibição”. Por sua vez, o público que frequenta essa sauna “mais refinada” refere-se às outras saunas como lugar para “velhos” e “barrigas”. Somam-se mecanismos distintivos relacionados a classe e status social, performances de gênero (dizem que nas saunas mais populares há muitas “bichas afeminadas”, “bichas cdf, isto é cara da favela”) e preconceito geracional.

13 Além da sauna descrita na nota anterior, também a sauna “não-gay” não está localizada no Centro. Essa sauna, que funcionava num hotel na região da Avenida Beira-Mar e que hoje funciona num bairro valorizado (Meireles), não é oficialmente voltada para a clientela gay, e se configura como espaço de interação homosocial não exclusivamente homossexual, mesmo que haja vários e vários relatos de episódios de transa no local. É bastante frequentada por homens heterossexuais casados, mas que lá encontram lugares “discretos” para encontros (alguns deles marcados com antecedência através de *sites* de relacionamento, tipo salas de bate-papo ou por telefone tipo “disque-amizade”). Os que frequentam mais as saunas gays dizem que nessa sauna só anda “encubado”...

14 A sauna funciona entre as 15h e as 23h, de domingo a domingo, e só fecha na sexta-feira da Semana Santa. Há uma frequência bastante variável, conforme a hora e o dia da semana. À tarde, há mais a presença de clientes esporádicos, mais ciosos de contatos sexuais “discretos”, no mais das vezes por já estarem engajados em relações afetivas (casamentos heterossexuais ou em relacionamentos homossexuais estáveis). Há também os casais que vão à sauna para encontrar parceiros eventuais para uma relação sexual a três. À noite, os frequentadores são mais conhecidos de todos, e a rotatividade não é tão visível. Um informante dizia: “ai Cristian, tu não vê que a sauna não tem rotatividade? São sempre os mesmos clientes, quer dizer, não são os mesmos clientes, mas cada dia tem os seus clientes, com o público de cada dia”.

15 Massagem é o termo usado pelos boys para referirem-se ao programa.

16 Num folder de divulgação da sauna, consta a seguinte programação: “**Segunda:** segundas intenções (Boa oportunidade para novos encontros, novos amigos e algo mais); **Terça:** macarronada da Mamma (Venha saborear o prato mais famoso da culinária italiana); **Quarta:** Dobradinha (Dois amigos ocupando o mesmo armário pagam apenas R\$18,00); **Quinta:** Nu escuro (Todos os massagistas sem toalhas, totalmente à vontade, e a partir das 19h Gogo’s Boys ao som da melhor Dance Music); **Sexta:** Sexta Show Premiada (Show com humor, brincadeiras e bingo, sob o comando de T.F.); **Sábado:** The Golden Age 70’s (Venha recordar a fase dourada da Disco Music, com muito SOM, LUZES e DANÇA); **Domingo:**

Pagode, Samba e Caipirinha (Pagode de toalha com samba no pé, sob o comando do grupo R. S. Caipirinha grátis a partir das 18h”.

17 A descrição completa da sauna encontra-se em Paiva (2009b).

18 Não é possível, senão aproximativamente, dizer quantas pessoas ficam nos corredores, na sala de TV, na sala de leitura, na sala de *internet*, nas saunas, nas suítes, nas cabines, nas salas de vídeo e no *darkroom*. Pelo que pude conhecer, há mais ou menos o mesmo número de pessoas que estão no salão, nessas outras dependências.

19 Cheguei a contar, em média, nos dois períodos de observação, 25 *boys*. Boa parte deles usa pseudônimos retirados de filmes (tais como Smallville, Wolverine, etc.); são garotos bastante jovens (mas nenhum menor de idade), de origem social humilde, moram nos subúrbios, de Fortaleza; alguns deles possuem outros empregos (como seguranças, soldados, dançarinos de banda de forró, etc.) e uma minoria ainda estuda. É comum a migração entre saunas e estados. Há vários garotos do Rio Grande do Norte, da Paraíba e do Piauí. Os de Recife e Salvador são mais raros, mas mais valorizados. Os garotos que mais fazem sucesso são os que são “homens mesmo”, isto é, heterossexuais (aliás, a maioria absoluta dos *boys* dizem-se “hetero”; vários deles casados e com filhos), que têm dotes físicos apreciados para intercuro sexual. Conheci apenas dois que eram tidos como gays. A performance de gênero, porém, não necessariamente corresponde aos papéis desempenhados no ato sexual. Um dos senhores me dizia: “você acha que eu vou dar pra esses meninos aí? Dou é nada; faço é comer eles!” Para assumir o papel passivo na transa, os *boys* cobram mais caro. A frequência deles durante a programação da sauna varia de acordo com a disponibilidade de clientes. Os dias mais visados são o sábado e o domingo.

20 Construí uma possível lista de *hits* (com intérpretes), a partir das minhas idas ao karaokê: **Minha estranha loucura** (Alcione); **Mar de rosas** (The Fevers); **Deslizes** (Fagner); **Ela é demais** (Rick e Renner); **São tantas coisas** (Roberta Miranda); **Quando gira o mundo** (Fábio Jr.); **Escancarando de vez** (Elymar Santos); **Dona** (Guarabyra); **Tô fazendo falta** (Joanna); **Alma Gêmea** (Fábio Jr.); **Eu devia te odiar** (Reginaldo Rossi); **Emoções** (Roberto Carlos); **Conceição** (Cauby Peixoto); **Adoro amar você** (Peninha); **Fantasia** (Limão com mel); **Sonhos de um palhaço** (Vanusa); **Sozinha** (Sandra de Sá); **Os brutos também amam** (Agnaldo Timóteo); **Adoro amar você** (Daniel); **Que era eu** (Daniel); **Leva** (Tim Maia); **Manhãs de setembro** (Vanusa); **Sábado** (José Augusto); **Por que brigamos** (Diana); **Amor escondido** (Banda Magníficos); **Agüenta coração** (José Augusto); **Meu grito** (Agnaldo Timóteo); **Retrovisor** (Fagner); **Eu daria a minha vida** (Martinha); **Negue** (Maria Bethânia); **Folhetim** (Gal Costa); **Menina veneno** (Ritchie). No que concerne às músicas mais cantadas pelos *boys*, considero que o romantismo assume tonalidade mais próxima da estética dos grupos de pagode característicos do fim dos anos 1980, e onde também podemos observar referência do *pop-rock* nacional do mesmo período, além de poucas referências contemporâneas. Alguns exemplos: **Tempo perdido** (Legião Urbana); **Há tempos** (Legião Urbana); **Me leva junto com você** (Raça Negra); **Cheia de manias** (Raça Negra); **Que pena** (Raça Negra); **Jeito felino** (Raça Negra); **Papo de Jacaré** (P.O.Box); **Sorria** (Os Travessos); **Quatro vezes você** (Capital Inicial); **Mel** (Belo); **O segundo sol** (Cássia Eller); **Uma louca tempestade** (Ana Carolina).

21 Deleuze afirma: “Velocidade da música, até mesmo a mais lenta. Será por acaso que a música conhece apenas linhas e não pontos? Não se pode fazer o balanço em música.

Nada a não ser devires sem futuro nem passado. A música é uma anti-memória. Ela é cheia de devires, devir-animal, devir-criança, devir-molecular” (1998, p. 43). Podemos pensar essa anti-memória como possibilidade de fazer furos no imaginário social (e pessoal) sobre homossexualidade masculina e envelhecimento, precipitado numa “memória”. Lacan dizia: “A tirania da memória, é isso que se elabora naquilo que podemos chamar de estrutura” (1988, p. 272). Nesse sentido, a música, as canções cantadas e performatizadas permitem “um ponto de basta” momentâneo na tirania da memória que organiza os roteiros sócio-sexuais dos sujeitos aqui investigados.

22 Com a utilização da noção de pulsão invocante, quero destacar a complexa relação que cinge o sujeito ao som e ao sentido, mobilizando dimensões da experiência que extrapolam o discursivo, o racional, indo na direção dos fundamentos do psiquismo em que a relação com o Outro tem papel decisivo na capacidade de fruição e gozo, mediados pelo suporte da fantasia, essenciais para a saúde do sujeito. Didier-Weill (1999b) apresenta, com bastante originalidade, a psicopatologia psicanalítica a partir dos objetos olhar e voz.

23 “Leke”, “muleke”, derivados de “moleque”, termos que se referem a rapazes bastante jovens com não mais que 20 anos. A classificação “filés” geralmente se aplica a rapazes na faixa de 20 a 29 anos.

24 Lembramos que, no portal UOL, além das salas designadas como “Cidades e regiões”, há outros grupos de salas: “Assinantes”, “Idade”, e “Outros temas”. Nesta última classificação, encontramos categorizações mais relacionadas a encontros afetivos e sexuais: “Amizade” (amizade virtual, amizade colorida, gays, lésbicas e afins, reencontros) “Encontros” (românticos, gordinhos, gays, lésbicas e afins), “Namoro” (namoro virtual, paquera, GLS, festa virtual), “Sexo” (sexo virtual, gays, lésbicas e afins, sexo por idade) e “Imagens eróticas” (heterossexuais, gays, lésbicas e afins).

25 Além do bar destinado ao público ursino, descrito anteriormente na nota 9, localizado na Praia de Iracema, também frequentamos um bar situado no bairro Benfica, improvisado no andar de cima de uma casa e administrado por um senhor idoso.

26 As análises de Simões (2004), Simões; França (2005) e França (2010; 2006) permitem-nos afirmar que o coroa representa um segmento “integrado” em redes de lazer-consumo e é identificado a estilos de vida valorizados, mesmo que subalternizados em relação a setores mais jovens do “circuito gay”.

27 Utilizo o termo “desentranhamento” como sugerido por Duarte (2004).

28 “Urso” é mais um termo na série de classificações de sujeitos maduros e/ou idosos. No entanto, essa afinidade entre *ursos* e *coroas* como objetos de desejo no contexto de relações intergeracionais ficará para outro momento. Para uma descrição da “cena ursina” e de seu lugar no circuito de lazer/entretenimento GLS, ver França (2010 e 2006).

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Samuel; PAZ, Gaspar; CAMBRIA, Vincenzo. *Música em debate: perspectivas interdisciplinares*. Rio de Janeiro: Mauad X: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), 2008.

BERLINCK, Manoel Tosta. A envelhescência. In: PERES, Urânia T.; COELHO, Ma. Thereza (org.). Amor e morte. I Congresso Internacional do Colégio de Psicanálise da Bahia (Anais). Salvador: Empresa Gráfica da Bahia (EGBA), 1998.

BARROS, Myriam. M. L. Trajetória dos estudos de velhice no Brasil. **Sociologia – problemas e práticas**, n. 52, 2006.

BOURRIAUD, Nicolas. *Estética relacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BOZON, Michel. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: editora da Fundação Getúlio Vargas (FGV), 2004.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), n. 26, jun., 2006.

BRITTO DA MOTTA, Alda. De gerações, afetos e papéis na família. Anais do VI Encontro Nacional da Rede Brasileira de Estudos e Pesquisas Feministas, II Encontro Internacional Política e Feminismo e II Seminário Internacional: enfoques feministas e o século XXI – Feminismo e Universidade na América Latina. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2008.

BRITTO DA MOTTA, Alda (org.). *Reparando a falta*: dinâmica de gênero em perspectiva geracional. Salvador: Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM). Universidade Federal da Bahia (UFBA), 2005.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Sociabilidades possíveis: idosos e tempo geracional. In: PEIXOTO, Clarice E. (org.). *Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas (FGV), 2004.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Trajetórias sociais de gênero e representações sobre velhice no Brasil. Trabalho apresentado no Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, 1996.

CARRARA, Sérgio; SIMÕES, Júlio. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. **Cadernos Pagu**, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), n. 28, jan-jun, 2007.

COVOLAN, Nádia Terezinha. Corpo vivido e gênero: a menopausa no homoerotismo feminino. Tese de Doutorado (Ciências Humanas). UFSC, 2005.

CRAPANZANO, Vincent. A cena: lançando sombra sobre o real. **Mana [online]**. 2005, v. 11, n. 2.

DEBERT, Guita G. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. S. Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 2004.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.

DIDIER-WEILL, Alain. *Invocações: Dionísio, Moisés, São Paulo e Freud*. São Paulo: Companhia de Freud, 1999.

DIDIER-WEILL, Alain *O olhar e a voz: lições psicanalíticas sobre o olhar e a voz*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999b.

DUARTE, Luiz Fernando D. A sexualidade nas ciências sociais: leitura crítica das convenções. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Ma. Filomena; CARRARA, Sérgio. (orgs.). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond/CLAM, 2004.

EISENSTADT, S. N. *De geração a geração*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FRANÇA, Isadora Lins. Sexualidade e política: uma abordagem a partir do mercado e do consume. **Revista Bagoas**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, n. 07, 2012.

FRANÇA, Isadora Lins. Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e produção de subjetividades na cidade de São Paulo. Tese (Antropologia social), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2010.

FRANÇA, Isadora Lins. “Cada macaco no seu galho?” Poder, identidade e segmentação de mercado no movimento homossexual. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS), vol. 21, n. 60, 2006.

FRY, Peter. *Para inglês ver. Identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1985.

GOLDENBERG, Miriam. *Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

JACQUES, Paola Berenstein. *Corpografias urbanas: a memória da cidade*

no corpo. In: VELLOSO, Monica P.; ROUCHOU, Joëlle; OLIVEIRA, Cláudia (org.). *Corpo: identidades, memórias e subjetividades*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LAMBOTTE, M.-C. Psicanálise & música. In: KAUFMANN, Pierre. (ed.). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

MANNHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações. In: *Sociologia*. (Coleção Grandes Cientistas Sociais). São Paulo: Ática, 1982.

MISKOLCI, Richard. O armário ampliado – notas sobre sociabilidade homoerótica na era da *internet*. **Revista Gênero**. Niterói, vol. 9, n. 2, 2009.

OLIVIENSTEIN, Claude. *O nascimento da velhice*. Bauru-SP: Editora da Universidade do Sagrado Coração (EDUSC), 2000.

PAIVA, Crístian. Melancolia de gênero e envelhecimento homossexual: figurações da velhice no contexto da homossexualidade masculina. In: VALE, A. Fleming C. (org.). *França e Brasil: olhares cruzados sobre imaginários e práticas culturais*. São Paulo: Annablume, 2012.

PAIVA, Crístian. Coroas e filhões: gênero, erotismo e geração em relações homossexuais masculinas. In: **Anais do 35º Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS)**, Caxambu/MG, 2011.

PAIVA, Crístian. Corpos/Seres que não importam? Sobre homossexuais velhos. **Bagoas**, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, n. 04, 2009a.

PAIVA, Crístian. Pulsão invocante e constituição de sociabilidades clementes. Notas etnográficas sobre um karaokê numa sauna em Fortaleza. Comunicação. **Anais do 33º Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS)**, Caxambu, 2009b.

PAIVA, Crístian. Dicção amorosa em voz menor: em torno de biografias conjugais homoeróticas. In: TAKEUTI, Norma; NIEWIADOMSKY, Christophe (org.). *Reinvenções do sujeito social: teorias e práticas biográficas*. Porto Alegre: Sulina, 2009c.

PAIVA, Cristian. Amizade e modos de vida gay: por uma vida não-fascista. In: ALBUQUERQUE Jr., Durval M.; VEIGA-NETO, Alfredo; SOUSA FILHO, Alípio (org.). *Cartografias de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PAIVA, Cristian. *Reservados e invisíveis: o ethos íntimo das parcerias homoeróticas*. Campinas: Pontes, 2007.

PARREIRAS, Carolina. “Não leve o virtual tão a sério”? – uma breve reflexão sobre métodos e convenções na realização de uma etnografia do e no *on-line*. In: FERIANI, Daniela *et al.* (org.). *Etnografia, etnografias: ensaios sobre a diversidade do fazer antropológico*. São Paulo: Annablume, 2011.

PARREIRAS, Carolina. *Sexualidades no ponto.com: espaços e homossexualidades a partir de uma comunidade on-line*. Dissertação (Antropologia Social), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2008.

PEIXOTO, Clarice E. (org.). *Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas (FGV), 2004.

POCAHY, Fernando. *Entre vapores e dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento*. Tese de Doutorado (Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2011.

REINALDO, Gabriela. “*Uma cantiga de se fechar os olhos...*” Mito e música em Guimarães Rosa. São Paulo: Annablume; Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), 2005.

SAFATLE, Vladimir. *Cinismo e falência da crítica*. São Paulo: Boitempo, 2008.

SANTOS, Élcio Nogueira dos. *Amores, vapores e dinheiro: masculinidades, homossexualidades nas saunas de michês em São Paulo*. Tese de Doutorado (Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2012.

SANTOS, Ma. Lourdes; PAIVA, Cristian. *Da esquina ao cinemão: uma etnografia da sociabilidade do michê no centro histórico de Fortaleza*. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10: Desafios Atuais dos Feminismos. Florianópolis, 2013.

SCHUTZ, Alfred. *Fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. Epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, São Paulo, n. 28, jan-jun 2007.

SEEGER, Anthony. Etnografia da música. **Cadernos de campo**, São Paulo, n. 17, 2008.

SILVA, Joseli M. (org.). *Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades*. Ponta Grossa-PR: Editora Todapalavra, 2009.

SIMÕES, Julio. Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais. In: CARRARA, Sérgio *et al* (org). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004a.

SIMÕES, Julio. Sexualidade e gerações: idades e identidades homossexuais masculinas. In: LAGO, Mara C. et al. (orgs.). *Interdisciplinaridade em diálogos de gênero*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004b.

SIMÕES, Julio; LINS FRANÇA, Isadora. Do “gueto” ao mercado. In: GREEN, James; TRINDADE, Ronaldo (orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2005.

SIQUEIRA, Mônica Soares. Arrasando horrores! Uma etnografia das memórias, formas de sociabilidades e itinerários urbanos de travestis das antigas. Tese de Doutorado (Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2009.

TEIXEIRA, Erivaldo; PAIVA, Cristian. Dois perdidos numa noite suja – incursões etnográficas sobre práticas de homosociabilidade na metrópole cearense. Trabalho apresentado no **Seminário de Estudos Culturais, Identidades e Relações Interétnicas**, Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 05 a 07 de agosto de 2009. Disponível em www.pos.ufs.br/antropologia/seciri/down/.../Erivaldo_Teixeira.pdf. (Acesso: 02/09/2009).

WISNIK, José Miguel. *O som e o sentido: uma outra história das músicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Resumo

O texto aborda modos de representação, experiências de sociabilidade e erotismo intergeracional no contexto do envelhecimento homossexual masculino. O material sintetiza a descrição e as construções analíticas de duas incursões etnográficas envolvendo classificações, fantasias, interações lúdicas e eróticas entre homens mais novos e mais velhos: as reuniões de karaokê realizadas numa sauna no centro da cidade de Fortaleza e as interações intergeracionais em salas de bate-papo num conhecido portal de internet. Através desses contextos de investigação deparamos com “coroas”, “tios”, “maduros”, “50tões”, buscando e sendo buscados, majoritariamente,

por “garotões”, “filhos”, “lekes” e “filés”. Essas incursões etnográficas se mostraram ricas para abordar códigos de masculinidade, fantasias eróticas envolvendo apreciações de corpo, habilidades afetivo-sexuais e negociações de idade, gênero, classe, status social e raça/cor utilizadas pelos sujeitos. A noção de “protagonismos eróticos” é utilizada aqui para referir-se ao poder de agência dos sujeitos investigados visando o enfrentamento dos estigmas da homossexualidade e do envelhecimento.

Palavras-chave: envelhecimento; gays idosos; protagonismo erótico; relacionamentos homossexuais intergeracionais.

Abstract

The text covers modes of representation, experiences of sociability and intergenerational eroticism concerning the aging process of male homosexuals. The material summarizes the description and analytical constructions in two raids involving ethnographic classifications, fantasies, erotic and playful interactions between younger men and older: karaoke meetings held in a sauna in the city center of Fortaleza and intergenerational interactions in chats in a well-known internet portal. Through these research settings we are faced with “coroas”, “uncles”, “mature”, “50ties”, seeking and being sought, mainly by “boys”, “lekes” and “filés”. These incursions proved rich ethnographic approach to codes of masculinity, erotic fantasies involving assessments of body, sexual-affective skills and negotiation of age, gender, class, social status and race/color used by the subjects. The notion of “erotic protagonism” is used here to refer to the power of agency of the subjects investigated aiming to confront the stigma of homosexuality and aging.

Keywords: aging process; elderly gays; erotic protagonism; intergenerational homosexual relationships.

Recebido para publicação em fevereiro/2013.

Aprovado em abril/2013.